



Agenda 2030: tratar os Objectivos Globais com Negócios Locais

Jan 31, 2019

Para muitos dirigentes empresariais, a Agenda 2030 é vista como uma acção de propaganda dirigida aos países menos desenvolvidos para gerar negócios de ONGs. É um sério erro. Na realidade, a sensibilidade das opiniões públicas do hemisfério norte apurou-se e converteu-se em opções de compra que nenhuma empresa deve ignorar, porque contêm as grandes oportunidades de inovação e negócios futuro

POR MÁRIO PARRA DA SILVA

No passado dia 22 de Janeiro comemorámos o 15º Aniversário do Global Compact das Nações Unidas em Portugal, distinguindo as organizações fundadoras que aderiram aos 10 Princípios em 2004 e que se mantêm ininterruptamente comprometidas com a iniciativa. Na mesma ocasião assinalámos o 3º Aniversário da Aliança ODS Portugal, que, por iniciativa da rede do Global Compact em Portugal, se constitui como uma parceria para a concretização dos objectivos globais da Agenda 2030, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Setembro de 2015.

Neste período, foi evidente a adopção da Agenda 2030, dos seus 17 Objectivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e das respectivas 169 metas como guia de políticas e acções a todos os níveis e em todo o tipo de organizações e instituições. Não poderia deixar de ser assim, já que uma das mais emblemáticas mensagens da Agenda 2030 é “que ninguém fique para trás”.

Há, no entanto, pelo menos duas dimensões em que temos de trabalhar com urgência para obter resultados.

A primeira é a incorporação da Agenda e dos ODS nas estratégias das Empresas e da Economia em geral.

Se nas grandes empresas globais (onde se incluem as grandes empresas portuguesas) há trabalho concreto neste domínio, para a generalidade das organizações empresariais e PMEs esta continua a ser terra incógnita. Para muitos dirigentes empresariais a Agenda 2030 é vista como uma acção de propaganda dirigida aos países menos desenvolvidos para gerar negócios de ONGs. É um sério erro. Na realidade, a sensibilidade das opiniões públicas do hemisfério norte apurou-se e converteu-se em opções de compra que nenhuma empresa deve ignorar, porque contêm as grandes oportunidades de inovação e negócios futuros.

Mas será também um sério erro ignorar que contribuir para a resolução dos problemas globais evitará a degradação do ambiente de negócios. Todos reconhecerão que essa degradação se converte sempre em acréscimo de custo, aumento de impostos e mesmo o desaparecimento da possibilidade de operar e o encerramento.

O desafio que a Agenda coloca é o de tratar os Objectivos Globais com Negócios Locais. Temos de assumir definitivamente a visão positiva de “negócio” como actividade, como ocupação (*negação do ócio*), que responde a necessidades oferecendo soluções. E, portanto, estimular a inovação e o empreendedorismo alinhados com a Agenda e as suas metas.

Acredito que a Agenda 2030, ao criar um programa global para a Humanidade, criou também a maior oportunidade de negócio da História

Para citar apenas dois exemplos: quantos negócios poderão prosperar à volta da mitigação das alterações climáticas? Que estamos perante uma necessidade global não há dúvidas, que é um negócio para dezenas de anos, infelizmente, também não há dúvidas.

E na Economia Circular? Alguém não está consciente da limitação crescente da extracção de recursos naturais? Alguém ainda não compreendeu que a linha produzir-consumir-destruir tem de ser alterada para um ciclo que recupere, reutilize e reaproveite recursos escassos? E quantos novos negócios e formas diferentes de fazer negócios são precisos para responder a esta necessidade global?

Acredito que a Agenda 2030, ao criar um programa global para a Humanidade, criou também a maior oportunidade de negócio da História.

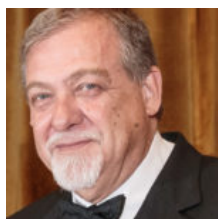
A segunda é a resposta às questões sociais que emergem desta nova economia. Como sequela das transformações nas organizações, da circulação da informação, da incorporação de *robots*, da inteligência artificial, do comércio *online*, das redes sociais e da melhoria global da saúde, novas vagas de pessoas aspiram a uma vida melhor que agora sabem que existe em algumas partes do mundo e que querem também para si e para os seus filhos. Novas vagas de deserdados da fortuna estarão dispostos a grandes sacrifícios para viverem livres da guerra, da fome e da exclusão.

Eliminar a pobreza e a fome, bem como alcançar a paz em todo o lado, deixaram de ser objectivos apenas dos governantes para se tornarem em Objectivos Globais. O que significa que são também objectivos das organizações empresariais e objectivos dos negócios. Já não está em causa ganhar dinheiro no curto prazo para o próximo relatório à Bolsa. Está em causa garantir a estabilidade e a continuidade do nosso modo de vida, porque, até ver, é o melhor que conhecemos. Por isso, o futuro será exportar desenvolvimento, disseminar cultura e competências, construir alianças e parcerias, descobrir semelhanças mas estimar o diferente, admirar a diversidade das comunidades humanas, mas garantir espaços de respeito e possibilidade de vida e afirmação a todos.

Será seguramente mais fácil a dimensão técnica do que a dimensão humana e cultural da Agenda 2030.

Por isso, cabe uma especial responsabilidade a todas as organizações globais na disseminação da mensagem e na mobilização das vontades. A começar, como é natural, pelas organizações das Nações Unidas que responderam com vigor ao apelo da Assembleia Geral, lideradas por um Secretário-geral de formação técnica, económica, mas, acima de tudo, humanista como é António Guterres.

Outras grandes organizações, onde se inclui a Igreja Católica e a voz imensa do Papa Francisco, têm incansavelmente chamado as pessoas à “construção do mundo que queremos”, onde a Economia e a Política estejam ao serviço da Humanidade e do seu Ecossistema, garantindo às Gerações Futuras a possibilidade de usufruir, no mínimo, do mesmo que nós usufruímos. Afinal, é a grande mensagem do Desenvolvimento Sustentável e de uma Ética de Responsabilidade que nos deve orientar a todos.



Mário Parra da Silva

Chair of the Board da Global Compact Network Portugal e Presidente da Aliança ODS Portugal